



## O *Trieb* freudiano – para além de Freud

### The Freudian *Trieb* – Beyond Freud

 Pedro Fernandez de Souza

**Resumo:** Nos argumentos que fazem parte da querela tradutória em torno do *Trieb* freudiano, é muito comum que duas abordagens complementares sejam adotadas: de um lado, a discussão de aspectos etimológicos e semânticos da palavra alemã, e, de outro, a elaboração conceitual que Freud faz dela. Neste artigo, esboçamos um programa de pesquisa com uma outra diretriz: estudar o emprego do conceito de *Trieb* em textos não-freudianos, mas que direta ou indiretamente puderam influenciar a teorização de Freud; trata-se, portanto, de um estudo de matiz histórico-conceitual, e não apenas interno, do conceito. Com efeito, ao abrir seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud elenca uma série de autores nos quais se baseou para formular seus próprios raciocínios sobre o *Geschlechtstrieb*, e não em vão todos eles utilizam o mesmo termo. A pesquisa, ainda em estado incipiente, demonstra a pertença da teorização freudiana acerca do *Trieb* a um panorama científico muito mais amplo (abarcando a neurologia, a fisiologia, o evolucionismo, a sexologia, a reflexologia etc.), o que torna anacrônica a tradução do *Trieb* freudiano pelo quase-neologismo francês “pulsão”. Com isso, não se pretende *fechar* a discussão, mas sim *abri-la*, pois novas pesquisas são requeridas para enriquecer o debate.

**Palavras-chave:** *Trieb*; instinto; reflexo; pulsão.

#### Abstract

Within the arguments that take part in the translational quarrel around the Freudian *Trieb*, it is very common for two complementary approaches to be adopted: on the one hand, the discussion of etymological and semantic aspects of the German word, and, on the other, its conceptual elaboration by Freud. In this article, we outline a research program with another guideline: to study the *Trieb* concept in non-Freudian texts, which however directly or indirectly may have influenced Freud's theorization; it is, therefore, a study of historical-conceptual nature of the concept, and not just an internal one. In fact, when opening his *Three Essays on the Theory of Sexuality*, Freud lists a series of authors upon whom he based his own reasoning about the *Geschlechtstrieb*, and not in vain all of them employ the same term. The research, still in an incipient stage, demonstrates the belonging of Freudian theorization about the *Trieb* to a much broader scientific panorama (encompassing neurology, physiology, evolutionism, sexology, reflexology etc.), which makes anachronistic to translate *Trieb* to the French quasi-neologism “pulsion”. This is not intended to *close* the discussion, but rather to *open* it, as new research is required to enrich the debate.

**Keywords:** *Trieb*; instinct; reflex; drive.

## 1. Introdução – Enunciação do problema e do método

Se se pode dizer sobre o *Trieb*, com Paulo César de Souza (1999, p. 243), que ele “é o mais central dos termos psicanalíticos”, também é lícito afirmar que ele é o centro da maior querela tradutória do campo de estudos freudianos. “É na sua tradução que as edições inglesa e francesa divergem diametralmente, chegando a constituir duas linhagens teóricas distintas” (Souza, 1999, p. 243), continua ele. Como é bem sabido, na tradução inglesa das obras de Freud, Strachey preferiu traduzir o termo alemão por *instinct*, ao passo que na tradução francesa, encabeçada por Laplanche, a opção escolhida foi *pulsion*. Mais recentemente, a escolha francesa fez escola, tornando-se a versão quase “oficial” nas traduções e nos estudos freudianos; com efeito, as traduções italiana, castelhana, catalã e brasileira mais recentes adotaram o termo “pulsão”<sup>1</sup>. Chegou-se ao ponto de a tradução por “instinto” parecer algo sem sentido, como se o termo “pulsão” fosse o único adequado. Neste artigo, pretendo trazer novos argumentos *contra* a tradução do termo por “pulsão”, continuando a linha de raciocínio de um artigo anterior meu. Se no primeiro artigo foram abordados aspectos semânticos e conceituais da teorização freudiana em torno do *Trieb*, pretendo agora esboçar uma análise contextual do termo, como ficará mais claro adiante. Com isso, não tenciono *exaurir* o debate, mas sim *abri-lo*, tornando patente a necessidade de *ampliação* das pesquisas para que seja pensada e repensada a escolha tradutória para o *Trieb*.

Essa disputa parece ser infinita, tamanhas são as complexidades que envolvem o termo germânico. No entanto, uma constante desse mar de variantes argumentativas é o fato de muitos dos pesquisadores e comentadores tratarem o termo *Trieb* apenas com duas abordagens complementares: a) seu sentido dicionarizado, complementado com recursos etimológicos; e b) seu uso por Freud. É o caso do *Dicionário comentado do alemão de Freud*, de Luiz Hanns (1996, pp. 338-354), livro indispensável nos estudos freudianos: o autor inicia sua discussão com considerações semânticas e etimológicas, sempre referindo o uso do termo feito por Freud; menciona (*en passant*) outros contextos em que o termo aparece (a filosofia romântica, a Bíblia judaica, a fisiologia...) e apõe citações do próprio Freud em que consta o termo, para em seguida tecer comentários a respeito delas. É geralmente nesses termos que a discussão é travada, dando-se maior ou menor peso para um dos lados: os aspectos linguísticos (semânticos, etimológicos...) do termo ou seus contornos conceituais na teoria de Freud. Não é raro, aliás, que se conclua pela intraduzibilidade do termo, como faz Tavares (2011), por exemplo; tampouco é coincidência que os defensores dessa intraduzibilidade acabem

---

<sup>1</sup> Há uma exceção, é claro: a própria tradução de Paulo César de Souza – a melhor de que dispomos no Brasil –, em que *Trieb* é vertido o mais das vezes por “instinto”.

traduzindo *Trieb* por “pulsão”... Sem querer entrar em discussões de teoria tradutória, é lícito dizer que a “intraduzibilidade” do termo é mais o resultado da inexistência, em nossas línguas neolatinas, de um correspondente “exato” dele; afinal, os tradutores holandeses não têm dificuldade alguma em traduzir *Trieb* por *drift* (Souza, 1999, p. 245)<sup>2</sup>, simples correspondente de origem germânica, tal como traduzimos o *débat* francês por “debate” e o adjetivo espanhol *vacío* por “vazio”.

É muito raro que os autores tratem do *Trieb* freudiano não dentro dos textos de Freud nem dentro dos dicionários, mas sim em sua relação *com outros textos*, os quais Freud leu ou pode ter lido durante a sua vida. Se isso é feito, é via de regra com muito menos vagar e atenção do que se deveria. Afinal, Freud não cunhou o vocábulo *Trieb*, nem sequer “criou” seu conceito de *Trieb*, tal como um demiurgo modela um mundo a partir do barro amorfo. Sua teorização não foi feita no vazio, como se poderia depreender de várias análises internas do conceito ou da obra de Freud. Como arguiu Simanke, uma análise interna (ou, no limite, estrutural) de uma obra ou um conceito pode levar a muitos mal-entendidos, apesar de todos os seus inegáveis méritos. Afinal de contas, “ao trabalhar o texto ou o sistema filosófico a partir de uma perspectiva exclusivamente *internalista*, essa abordagem deliberadamente faz abstração do contexto histórico no qual a obra foi originalmente produzida” (Simanke, 2020, p. 65). Como ele resume bem:

A quais tradições esse sistema dá continuidade? Quais tradições ele reformula? A quais tradições ele se opõe? Com quais escolas ou sistemas contemporâneos ele dialoga, e como esse diálogo procede concretamente na elaboração do pensamento? Essas são questões interditas pelo método de análise estrutural. (Simanke, 2020, p. 63)

Essas questões aventadas por Simanke (2020), que sequer fazem sentido numa análise interna do conceito, nos parecem fundamentais para o entendimento do conceito de *Trieb*. Com efeito, ele é realmente central e incontornável em Freud, o que justifica uma análise estrutural a seu respeito. Entretanto, quando se fala da “pulsão” freudiana de forma isolada, sem cotejá-la com conceitos afins de outros autores, coetâneos ou precursores de Freud, corre-se o risco de tomá-la por aquilo que ela não é: um conceito completamente inovador ou mesmo “revolucionário”.

O ensino da psicanálise nas universidades e institutos psicanalíticos é recheado de mitos desse tipo. Ainda hoje é propalada a narrativa de que Freud “descobriu” a sexualidade infantil, num golpe de gênio irrepetível. Mas o recurso à ciência contemporânea a Freud mostra, sem sombra de dúvidas,

---

<sup>2</sup> Em holandês, por exemplo, *Geschlechtstrieb* se traduz por *geslachtsdrift* e a *Triebbefriedigung* por “driftbevrediging”. Há na língua holandesa vocábulos compostos correspondentes aos alemães, fato que subtrai muitas das dificuldades tradutórias que enfrentamos nós outros.

que essa narrativa é falaciosa ou no mínimo deturpada. O “contexto histórico” comprova com clareza que inúmeros textos sobre as atividades sexuais das crianças haviam sido publicados ao longo do século XIX:

Sem esse contexto histórico, torna-se quase impossível realizar uma reflexão consequente sobre o tipo de teoria da sexualidade infantil formulada por Freud, sobre as variações que essa teoria sofreu ao longo de seu trabalho, assim como sobre as razões e as implicações dessas mudanças. (Simanke, 2020, p. 72)

Não nos restam dúvidas de que, para dissipar alguns dos vários mal-entendidos instaurados em torno da figura mitológica do *Trieb*, é preciso aplicar a ele o método que Simanke (2020, p. 60) denomina “histórico-conceitual” ou “histórico-filosófico”. Trata-se de um método que combina “duas abordagens 1) a análise estrutural e conceitual interna das obras; 2) a análise histórica do contexto científico e intelectual em que essas obras surgiram”. Tal como no caso da sexualidade infantil, somente o recurso ao contexto histórico (e científico) nos permitirá compreender de fato o conceito freudiano de *Trieb*. Sem cotejarmos o *Trieb* freudiano com o *Trieb* de outros autores, jamais poderemos saber o que Freud herdou da ciência a ele coeva, e o que há de realmente inovador em seu conceito (se é que isso existe).

O programa de pesquisa é simples de enunciar, mas extremamente árduo de realizar: investigar quais são as relações entre o *Trieb* de Freud e o *Trieb* de outros cientistas e autores de sua época. Esse tipo de pesquisa está sendo feita por Simanke, por exemplo, no caso do *Projeto de uma psicologia*, de 1895 (Simanke, 2023). No caso do *Projeto*, a tarefa é ainda mais laboriosa, por se tratar de um texto inacabado, que Freud não publicou em vida e no qual ele não cita nominalmente todos os autores em que se baseou para elaborar sua teoria. No caso do *Trieb*, em contraposição, a tarefa é menos complexa: logo na página de abertura dos seus *Três ensaios*, Freud enuncia, numa extensa nota de rodapé sumariamente ignorada pelos defensores da “pulsão”, os autores em que se baseou para formular a sua própria teoria da sexualidade. Ademais, temos hoje um catálogo compreensivo da biblioteca pessoal de Freud, e com isso é possível ampliar a árvore de textos a serem lidos e analisados, indo até textos que o próprio Freud talvez não tenha lido, mas que com certeza participavam do mesmo contexto científico no qual sua teorização estava inserida. Não é coincidência que muitos desses autores usem o termo *Trieb* em suas próprias reflexões (sobre sexualidade, fisiologia, evolução e assim por diante).

Situando-se nessa problemática, este artigo pretende apresentar uma argumentação a princípio *programática*, através da enunciação de um *programa de pesquisa* que aqui será tão-somente

esboçada. Esse pequeno esboço, contudo, nos permitirá tirar algumas conclusões importantes tanto a respeito da *tradução* do termo *Trieb* quanto a respeito do *conceito* que ele nomeia.

## 2. O *Trieb* no contexto científico de Freud

É somente em 1905, nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que Freud passa a usar o termo *Trieb* sistematicamente, dotando-o de um sentido teórico preciso. Até então, ele não o empregava senão raramente, em passagens bem pontuais. Vejamos rapidamente que passagens são essas dos seus textos publicados. No já mencionado *Projeto de uma psicologia*, de 1895, ao falar das “conduções- $\psi$ ” ( *$\psi$ -Leitungen*), isto é, do conjunto de neurônios situados dentro do corpo, cuja função é a memória (e não na sua superfície, que são os neurônios  $\phi$ , cuja função é a percepção), Freud diz que estimulações endógenas podem se acumular nelas: “ $\Psi$  está aqui exposto à quantidade ( $Q$ ), e com isso surge no interior do sistema o impulso [*Antrieb*] que sustenta toda atividade psíquica. Nós conhecemos esse poder como a *vontade*, o descendente dos *Triebe*” (Freud, [1895b]/1950, pp. 401-402)<sup>3</sup>. No *Projeto*, Freud não usará mais o termo *Trieb*. Notemos, desde já, que aqui os *Triebe* são concebidos por Freud num enquadre completamente fisiológico, naquela linha-limite entre o somático e o psíquico que será uma marca distintiva do conceito em 1915 (Freud 1915a/1999, p. 214). Essa caracterização fisiológico-psicológica é uma das marcas do *Trieb* freudiano.

Em 1900, na sua *Traumdeutung*, há somente uma aparição do termo. Ao tratar dos sonhos infantis, ainda defensor da assexualidade das crianças, Freud diz: “Se enalteçemos a infância como feliz porque ela ainda não conhece a ânsia sexual, não podemos subestimar quão rica fonte de decepção, renúncia, e portanto estímulo para o sonho, o outro dos grandes *Lebenstriebe* pode tornar-se para ela” (Freud, 1900/1999, p. 136). O outro *Lebenstrieb* (“impulso vital”) só pode ser a *fome*, cuja satisfação desenfreada comparece em tantos dos sonhos infantis analisados por Freud. *Trieb*, aqui, é um fato da *vida*, é um fator *vital*. Trata-se das forças vitais que põem o aparelho psíquico em ação.

A terceira aparição do *Trieb* antes de 1905, a mais importante para nós, é de 1895. Num importante texto de nosologia, em que almeja fundamentar um diagnóstico diferencial entre a neurastenia e um outro quadro psicopatológico, denominado por Freud de *Angstneurose* (“neurose de angústia”), a hipótese aventada é a de que, nesse novo quadro, a angústia é engendrada pelo *desvio*

---

<sup>3</sup> Todas as citações de língua estrangeira serão traduções minhas. Em vista do objeto deste artigo, preferi manter a palavra *Trieb* sem tradução sempre que aparecer nelas.

da excitação sexual do campo psíquico, que fica então sem chance de descarga adequada. Já que, no organismo macho maduro, a excitação sexual somática

Se exterioriza como pressão na parede das vesículas seminais providas de extremidades nervosas, essa excitação visceral aumentará continuamente, mas apenas a partir de uma certa altura será capaz de superar a resistência da condução [*Leitung*] conectada ao córtex cerebral e se exteriorizar enquanto estímulo [*Reiz*] psíquico. (Freud, 1895a/1999, p. 334)

Para se livrar desse estímulo (que é agora um verdadeiro *Drang*, um “ímpeto”, palavra que reaparecerá em 1915 como um dos quatro fatores básicos do *Trieb*) numa “descarga psíquica” (*psychische Entlastung*), o organismo é levado a executar aquilo que Freud nomeia “ação específica ou adequada”:

Essa ação adequada consiste, para o *Sexualtrieb* masculino, num complicado ato reflexo [*Reflexakt*] espinhal, que tem como consequência a descarga daquelas extremidades nervosas, e em todos os preparativos psicológicos a serem executados para o disparo desse reflexo. (Freud, 1895a/1999, p. 335)

Nesses trechos, está tudo muito claro: o *Sexualtrieb*, para Freud, alcança a qualidade de *Reiz* psíquico somente ao ultrapassar certo umbral *neurofisiológico*; o *Trieb* adentra o domínio psíquico “graças à sua conexão com o que é corpóreo” (Freud, 1915a/1999, p. 214), nas famosas palavras de 1915. Além disso – e isto será fundamental para nossa discussão posterior –, o *Trieb* tem aqui como ponto final um *ato reflexo*. O que é psíquico é uma espécie de trabalho vital intermediário entre a acumulação energética endógena e a descarga somática final dessa energia; essa descarga se executa num *reflexo* bem específico. Guardemos essas informações para nossa argumentação posterior.

A impressão que se tem dessas passagens é que Freud extrai o termo *Trieb* de um campo científico bem específico: a fisiologia em suas relações com a neurologia, a psiquiatria (ou psicopatologia) e possivelmente a psicologia. Em dois artigos essenciais para esta nossa discussão, Cotti (2006 e 2008) acompanhou com certo detalhe os usos freudianos do termo *Trieb* antes de 1905 e pôde esmiuçar algumas das influências que autores contemporâneos tiveram sobre a teorização freudiana da sexualidade; com efeito, os autores aventados por ela são quase invariavelmente dos campos acima listados. Segundo a autora, “a segunda metade do século XIX é marcada por um verdadeiro questionamento, um debate travado em torno do *Trieb*, e em particular do *Geschlechtstrieb* e *Sexualtrieb*” (Cotti, 2006, p. 88). Assim, faz-se mister estudar a fundo esses textos não-freudianos para compreender de fato “aquilo que a definição freudiana do *Trieb* sexual deve aos seus

predecessores” (Cotti, 2006, p. 88). O que propomos agora, por conseguinte, após essas breves citações de Freud anteriores a 1905, é um breve exame das referências explícitas ou implícitas de Freud, levando em conta, por ora, somente os livros e textos constantes da sua biblioteca pessoal<sup>4</sup>.

Começemos por alguns dos autores arrolados por Freud na nota de rodapé à abertura dos *Três ensaios*, todos eles psiquiatras com trabalhos no ramo da psicopatologia sexual: “As informações contidas no primeiro ensaio são extraídas das conhecidas publicações de v. Krafft-Ebing, Moll, Moebius, Havelock Ellis, v. Schrenk-Notzing, Löwenfeld, Eulenburg, I. Bloch, M. Hirschfeld” (Freud, 1905/1999, p. 33). R. v. Krafft-Ebing abre seu livro mais famoso, inúmeras vezes citado à época de Freud, o *Psychopatia Sexualis*, com a seguinte frase: “A reprodução da espécie humana não é deixada ao acaso ou ao capricho dos indivíduos, mas é, antes, assegurada por um *Naturtrieb* que exige por satisfação de um modo onipotente e avassalador” (v. Krafft-Ebing, 1888, p. 1). Trata-se, como ficamos sabendo no decorrer do texto, do *Geschlechtstrieb* ou *sexueller Trieb*, cuja atuação no organismo é descrita pelo autor de modo muito similar ao que vimos no texto de Freud de 1895: entre os órgãos genitais e o cérebro há uma série de inervações intermediárias, através das quais a excitação sexual (advinda seja de estímulos externos, seja de estimulação endógena) se propaga e pode tornar-se um *Drang* a exigir do indivíduo a execução do ato sexual. Esse ato, v. Krafft-Ebing o denomina *Cohabitation* – cópula, coito, numa linguagem técnica levemente eufemística:

O processo crucial na coabitação é a ejaculação. Essa função depende de um centro (gênito-espinhal), que Budge demonstrou ao nível da quarta vértebra lombar. Ele é um centro-reflexo [*Reflexcentrum*]; o estímulo [*Reiz*] que o excita é o esperma que, por meio da estimulação [*Reizung*] da *Glans penis*, é impelido [*getriebene*] das vesículas seminais até a *Pars membranacea urethrae* de modo reflexo [*reflectorisch*]. Assim que essa evacuação de sêmen, que ocorre sob uma crescente sensação de deleite, representa uma quantidade grande o bastante para atuar como estímulo [*Reiz*] suficiente no centro de ejaculação, esta entra em ação. A via reflexa [*Reflexbahn*] motora está situada no 4º e no 5º nervos lombares. (v. Krafft-Ebing, 1888, p. 20)

Freud deixará de se referir aos centros nervosos de modo explícito em sua teorização psicanalítica, isso é bem verdade, mas o raciocínio de v. Krafft-Ebing parece no mínimo pertencer ao mesmo panorama científico de Freud; afinal, o *Reiz* e o *Drang* são termos centrais na teoria psicanalítica do *Trieb*, e, por outro lado, o derradeiro ato muscular do organismo, na satisfação de um

<sup>4</sup> Uma lista compreensiva da biblioteca de Freud, compilada e editada por J. Keith Davies e Gerhard Fichtner, está hoje aberta à consulta pública no seguinte site: <https://www.freud.org.uk/wp-content/uploads/2019/09/FREUDS-LIBRARY-A-COMPREHENSIVE-CATALOGUE.pdf>.

*Trieb*, é, tanto em Freud (ao menos no texto de 1895, que recém-vimos) quanto em v. Krafft-Ebing, uma ação reflexa<sup>5</sup>.

Mas não é só nesse quesito que as palavras de v. Krafft-Ebing se aproximam das de Freud. Em seu *Lehrbuch der Psychiatrie* (“Manual de psiquiatria”), de 1890, um manual nosológico psiquiátrico de mais de setecentas páginas, v. Krafft-Ebing afirma, no subcapítulo intitulado *Störungen im Triebleben* (“Distúrbios na vida instintual”):

A vida fisiológica conhece um *Trieb* da conservação e um *Trieb* sexual. A vida mórbida não cria novos *Triebe*, como erroneamente se presumiu (o assim chamado *Trieb* homicida, cleptomaniaco, pirômano). Ela pode apenas enfraquecer, intensificar ou levar os *Triebe* naturais a se manifestarem de modo perverso. (v. Krafft-Ebing, 1890, p. 87)

Diz Cotti (2006, p. 88) que não era nada comum, nessa época, reduzir os *Triebe* a apenas dois (o de conservação e o sexual): “A antropologia, a neurologia, os manuais de psiquiatria, todos ou quase todos relatam numerosos *Triebe*, descobrem novos e tentam explicar sua origem e seu funcionamento recorrendo à história da espécie”. Ademais, ao postular apenas dois *Triebe*, v. Krafft-Ebing “se opunha à teoria de Lombroso dos criminosos inatos. Ele também denunciava a tendência geral de seus contemporâneos de continuar apresentando novos *Triebe*” (Cotti, 2008, p. 27). Ora, sabe-se bem que Freud também postulava duas classes de *Triebe*, os *Selbsterhaltungstriebe* e os *Geschlechtstriebe*, algo que só viria a reformular parcialmente em 1920, ao redistribuir os *Triebe* em *Lebens-* e *Todestriebe* (Freud, 1920/1999). A essas classes maiores, irredutíveis, de *Triebe*, Freud denominaria, em 1915, de *Urtriebe*, os *Triebe* “primordiais” (Freud, 1915a/1999).

Enquanto v. Krafft-Ebing parece propor apenas dois *Triebe*, Freud propõe uma quantidade indefinida de *Partialtriebe*, subsumidas sempre, contudo, às duas classes maiores, idênticas às postuladas por v. Krafft-Ebing. Outros autores, entretanto, já subdividiam os *Triebe*, apesar de não defenderem *Triebe* patológicos em si (como os criticados por v. Krafft-Ebing). Um deles é Paul Flechsig, que nós outros, modernos, conhecemos tão-somente como o psiquiatra de Schreber, mas que, à época de Freud, era um médico de renome, cujo livro *Gehirn und Seele* (“Cérebro e alma”) figurava na biblioteca do pai da psicanálise. Flechsig falava de vários *körperliche Triebe*, que poderiam ser satisfeitos por “movimentos (engolir, mastigar, respirar, assim como a locomoção, a

---

<sup>5</sup> Outra diferença marcante em Freud reside em sua *linguagem*, como fizemos notar em nosso primeiro artigo: Freud deixa de empregar latinismos e grecismos (como fizera em seus primeiros textos de fisiologia e neurologia, entre 1877-1893) e passa a preferir termos coloquiais ou no mínimo vernaculares. Com isso, aproxima o léxico técnico da psicanálise à língua cotidiana e, mais do que isso, parece *estender* seu projeto científico, que ultrapassa a fisiologia para fundar uma psicologia do inconsciente.

captura de objetos externos) de modo psíquico-reflexo e voluntário” (Flechsig, 1896, p. 21). É notável aí a presença da “respiração”: para Flechsig, trata-se de um *niederer Trieb*, isto é, de uma necessidade vital *inferior*, que é satisfeita por via reflexa, sem a menor interveniência do córtex cerebral: “Os *Triebe* inferiores são principalmente processos físico-químicos, que inicialmente carecem de qualquer caráter psicológico” (Flechsig, 1896, p. 48). Flechsig continua: “Os *Triebe* só adquirem um caráter psíquico quando emergem na consciência enquanto sentimentos; estes, portanto, representam [stellen... dar] apenas o lado psíquico reverso dos *Triebe*” (Flechsig, 1896, p. 48). Soa bem freudiano, não? Todavia, não é que Flechsig seja freudiano, é Freud quem pertence ao mesmo cenário científico de Flechsig. Cotti vê Flechsig como um verdadeiro predecessor de Freud: este, ao discorrer sobre *Partialtriebe* e sobre as zonas erógenas, “aderiu à teoria de Flechsig de múltiplos ‘*Triebe* locais corpóreos’ biologicamente determinados” (Cotti, 2008, p. 41).

Vimos que v. Krafft-ebing se opunha à teoria de *Triebe* patológicos inatos, que levariam os criminosos a roubar, matar etc. Nos *Três ensaios*, Freud se opunha a uma teoria similar à dos *Triebe* patológicos inatos, a teoria da degenerescência, segundo a qual perversos, homossexuais e neuróticos teriam herdado os gérmenes inatos de suas doenças. Mas também nisso ele seguia um dos autores citados naquela nota de rodapé: Iwan Bloch. “Enquanto escrevia os *Três ensaios*, Freud lia Iwan Bloch entusiasticamente. Bloch era um dermatologista e especialista em sífilis de Berlim. Em 1902, ele lançou uma crítica à tese da degenerescência” (Cotti, 2008, p. 37)<sup>6</sup>. Por um lado, Bloch criticava a teoria das doenças inatas da sexualidade; por outro, criticava a hipótese etiológica do “nervosismo moderno”, segundo a qual as neuroses e perversões teriam causas puramente culturais. “Tal como os fisiológicos, os fenômenos patológicos da vida sexual são tão antigos quanto o ser humano. O passado distante viu as mesmas aberrações [*Verirrungen*] do *Geschlechtstrieb* que ainda observamos hoje em povos primitivos e civilizados” (Bloch, 1902, p. 1). Ou seja, para Bloch, fetichismo, sadismo, pedofilia etc. não são doenças da “cultura” ou da “civilização” moderna, mas sim *Verirrungen* (Freud usará o termo *Abirrungen*, que Bloch também emprega) do *Trieb* sexual, fenômenos existentes nas sociedades e localidades mais distantes. Bloch chega a afirmar que o *Geschlechtstrieb*, “enquanto função puramente física”, não pode ser considerado um objeto de comparação ou distinção entre primitivos e civilizados: “Se algo se expressa com a mesma força elementar tanto *fora* quanto *dentro* de qualquer cultura, trata-se do *Geschlechtstrieb*” (Bloch, 1902, p. 1). A tese da degenerescência é criticada logo em seguida:

<sup>6</sup> Além disso, Bloch também é conhecido por ter publicado em 1904, enquanto editor e com o pseudônimo Dr. Eugen Dühren, o romance inacabado de Sade *Os 120 dias de Sodoma*.

A essência do *Geschlechtstrieb* e de suas anomalias é plenamente independente de qualquer cultura e apresenta em povos primitivos e civilizados os mesmos traços, ele é independente dos danos físicos e espirituais ligados à cultura, da *degeneração* em sentido antropológico e patológico. Cultura e degeneração são consideradas apenas como influências propiciadoras, que aumentam a frequência. (Bloch, 1902, pp. 3-4)

“De um ponto de vista antropológico, ele [Bloch] preconizava uma etiologia inata das perversões, nem hereditária nem degenerativa. De acordo com ele, as perversões pertenciam às várias potencialidades presentes na natureza, e eram oriundas de variações da química sexual” (Cotti, 2008, p. 37). Freud, como se sabe, não concordava inteiramente com isso, mas defendia uma ideia similar a propósito das perversões: elas seriam potências inatas, não patológicas a princípio, que nada teriam de “degenerativo”. Bloch retira, portanto, a mácula patológica de alguns dos quadros da *Psychopathia sexualis*, em especial a homossexualidade (ou “inversão”, como era chamada à época), e é precisamente nesse sentido que ele é referido por Freud numa nova nota de rodapé:

Na concepção da inversão, os pontos de vista patológicos foram substituídos pelos antropológicos. Essa mudança continua sendo o mérito de I. Bloch (*Beiträge zur Ätiologie der Psychopathia sexualis*, 2ª parte, 1902/3), que também realçou enfaticamente o fato da inversão entre os povos civilizados antigos. (Freud, 1905/1999, p. 38)

No primeiro dos seus *Três ensaios*, Freud parte das *Abirrungen* sexuais, despojando-as do caráter degenerativo que lhes haviam pespegado certos autores (seguindo, nisso, Iwan Bloch), para utilizá-las, mais adiante, como figuras ou modelos do que ele entende como sexualidade “normal”<sup>7</sup>. Usar o patológico como modelo do normal não era nenhum ineditismo de Freud, mas sim um procedimento heurístico bem comum à medicina e fisiologia da época (cf. Canguilhem, 1950). Conhecemos bem o ponto de chegada do primeiro ensaio e de partida do segundo: a tese da sexualidade infantil, que seria constituída por *Triebe* perversos, ainda sem nenhuma finalidade reprodutiva e sem ligação previamente determinada com objetos fixos. Ou seja, haveria uma *bissexualidade* inata, e o *Trieb* sexual poderia fixar-se tanto em objetos do mesmo sexo quanto do sexo oposto. Essas duas teses, porém, não são totalmente inéditas em Freud<sup>8</sup>. Hirschfeld (1900, p. 105) dizia haver uma “idade de indiferença”, na qual o organismo era bissexual, que estaria na origem

<sup>7</sup> Mais que isso, a tese de Freud é a de que componentes *perversos* do *Trieb* sexual participam *sempre* da vida sexual dita “normal”. Eles se tornam patológicos caso assumam despoticamente o trono da genitalidade, por assim dizer, furtando-se a uma cooperação subordinada à *Fortpflanzungsfunktion*, a função sexual por excelência.

<sup>8</sup> Tudo indica que o “inédito” em Freud foi a *articulação teórica* de todos esses fatores elencados, juntamente com a teoria das neuroses, que Freud vinha elaborando havia mais de dez anos sem o recurso teórico ao *Trieb*. Nisso, como haveremos de afirmar mais tarde, o *Trieb* surge como uma espécie de *nó conceitual* ou *disciplinar* em Freud.

da bissexualidade definitiva de certos seres humanos adultos. Em 1909, Moll (que já fora citado por Freud em 1905/1999) publicaria o livro *Das Sexuelleben des Kindes* (“A vida sexual das crianças”), cujo conteúdo dá fortes indícios de que Moll não havia lido os *Três ensaios* antes de redigi-lo; curiosamente, porém, ele cita a “teoria freudiana” (Moll, 1909, p. 171) e o “método psicanalítico de Breuer e Freud” (Moll, 1909, p. 253), o que demonstra que a figura solitária e isolada de Freud, quase exilado do meio médico, é no mínimo um exagero dentro da chamada “sexologia”<sup>9</sup>.

Mas não era só na nascente “sexologia” que o *Trieb* era empregado com tamanha frequência. Ele figura em vários outros dos livros possuídos por Freud; entre eles, podemos destacar aqui os textos de *biologia, fisiologia (geral) e filosofia* (ou melhor: fundamentos filosóficos da psicologia ou da medicina).

No livro *Geschlecht und Geschlechter im Tierreiche* (“Sexo e sexos no reino animal”), do zoólogo Johannes Meisenheimer, empregam-se as expressões *sexueller Instinkt, geschlechtlicher Instinkt, Sexualinstinkt e Geschlechtstrieb* como perfeitos sinônimos (Meisenheimer, 1921, pp. 372, 678, 708, 224, respectivamente). Ao longo de toda a *Sexualbiologie* (“Biologia sexual”), livro de 1907 do zoólogo Robert Müller, o termo *Geschlechtstrieb* é usado para falar de animais e humanos (tal como faz o próprio Freud na abertura do primeiro ensaio de 1905/1999<sup>10</sup>). As frases de abertura do livro, no seu primeiro capítulo “O *Geschlechtstrieb* e seu desenvolvimento”, são as seguintes:

Podemos chegar a uma compreensão correta do *Geschlechtstrieb* se investigarmos separadamente a raiz e as manifestações do *Geschlechtstrieb*. Só podemos falar de um *Geschlechtstrieb* no caso da reprodução sexuada. Na reprodução assexuada, o novo ser surge não através da reunião de uma célula germinativa masculina e uma feminina, mas sim pela divisão da célula-mãe no auge, do seu crescimento, em duas ou mais células-filhas. O *Geschlechtstrieb* tem como pressuposto, portanto, a existência de células ou componentes celulares sexualmente diferenciados. (Müller, 1907, p. 1)

Não custa lembrar que Freud defendia a ideia de uma *Entwicklung* (“desenvolvimento”) do *Trieb*, tanto do ponto de vista ontogenético quanto do filogenético. Em notas de rodapé agregadas *a posteriori* aos *Três ensaios*, aliás, ele indicava que poderia haver uma correlação entre os dois desenvolvimentos, à maneira de Haeckel e sua teoria da recapitulação: o *Trieb* sexual evoluiria, no

<sup>9</sup> Nem mesmo a etiologia proposta por Freud para as chamadas “neuroses atuais” era tão esdrúxula, para a época, quanto pode parecer para nós hoje. Freud possuía o livro *Der unvollständige Beischlaf* (“A cópula incompleta”), de Alexander Peyer, médico de Zurique; nele, Peyer (1890, p. 47) elenca casos clínicos em que práticas sexuais “incompletas” (*coitus interruptus*, onanismo etc.) haviam causado neurastenia e outras neuroses – ou seja, a teoria freudiana das neuroses atuais não era original em seu tempo, mas fazia parte inteiramente dele.

<sup>10</sup> “O fato das necessidades sexuais no homem e nos animais é expresso na biologia pela suposição de um ‘*Geschlechtstrieb*’” (Freud, 1905/1999, p. 33). Não é difícil provar que uma concepção puramente “humana” da “pulsão” contraria abertamente o conceito freudiano de *Trieb*.

organismo humano individual, de modo análogo ao desenvolvimento dos caracteres e das funções sexuais no reino animal<sup>11</sup>.

Que o *Trieb* seja atribuído tanto aos homens quanto aos (demais) animais não é algo que nos deveria espantar. Afinal, ele é o nome da estimulação que o organismo fabrica para si mesmo, que se manifesta para o indivíduo como as suas necessidades vitais (fome, sede, vontade de urinar, defecar, tensão sexual etc.), e isso não é um apanágio do *Homo sapiens*. Encontramos no livro *Versuch einer wissenschaftlichen Begründung der Psychologie* (“Tentativa de uma fundamentação científica da psicologia”), de Peter Jessen, a seguinte definição de *Instinct*:

A atividade do *Instinct*<sup>12</sup> consiste numa *busca* por satisfação de uma *necessidade* passiva, que se impõe de fora, e de um *propósito* ativo, direcionado de dentro para fora. A necessidade é um *Trieb* oriundo de uma sensação imediata, o propósito é uma meta [*Zweck*] oriunda de uma concepção [*Anschauung*] imediata; aquela é o elemento emocional [*gemüthlich*], este é o elemento espiritual da atividade instintiva da vontade. (Jessen, 1855, p. 354)

E, logo a seguir, lemos a seguinte afirmação: “O *Instinct* impele [*treibt*] tanto os homens quanto os animais à satisfação de suas necessidades, à prática e à aprendizagem das forças e capacidades que lhes são inerentes” (Jessen, 1855, p. 354). Ora, aqui *Instinkt* e *Trieb* não estão separados, mas o *Trieb* aparece como um componente (do “ânimo”, *Gemüt*) da ação do *Instinkt*, existente tanto nos homens quanto nos animais. Ademais, alguns dos fatores do *Trieb* freudiano já estão aqui: o *Zweck* (a “meta”), isto é, uma certa direção que a *necessidade* indica ou mesmo impõe às ações do organismo, que para satisfazer a ela tem de *trabalhar e obrar* (*Arbeiten und Wirken*). Para Freud, o último passo desse trabalho é muscular, mas entre o *Trieb* e a “ação adequada” há um elemento intermédio importante: o psiquismo.

Peter Jessen não é o único autor da filosofia que tentou fornecer fundamentos à psicologia científica durante o século XIX a ser lido por Freud. Nas estantes freudianas, estava presente o livro *Lehrbuch zur Psychologie*, de 1816, de Johann Friedrich Herbart, eminente professor de filosofia em Zurique. Em seu tratamento da “faculdade de movimento”, Herbart dedica um subcapítulo aos ditos “movimentos inferiores” (que independem da razão), destarte iniciado:

<sup>11</sup> Por exemplo: “Abraham chama a atenção [...] para o fato de o ânus derivar do *blastóporo* [*Urmund*], o que parece ser um modelo biológico do desenvolvimento psicosexual” (Freud, 1905/1999, p. 99).

<sup>12</sup> Aqui o termo alemão *Instinkt* é grafado *Instinct*, como o leitor há de ter percebido. Essa era a grafia do termo antes de 1901, quando ocorreu em Berlim a *Orthographischen Konferenz von 1901* (“Conferência Ortográfica de 1901”), que estatuiu várias mudanças na ortografia do alemão. Entre elas, estava a colocação do *k* ou do *z* em palavras estrangeiras, no lugar do *c* anterior. *Instinct* se tornou *Instinkt*; *Accent* se tornou *Akzent*, *central* passou a ser *zentral*, e assim por diante.

Aqui, pela primeira vez nos deparamos com os *Triebe* e *Instincte*. Deles, o homem tem apenas um fragmento; vemo-los de modo mais completo e diversificado nos animais, nos quais fica claro que a estrutura orgânica é aí o fator essencial e determinante. (Herbart, 1816, pp. 57-58)

Para o filósofo, os *Triebe* são um princípio de movimento da vida orgânica, o mais essencial neles é a “vivacidade inquieta”, “particularmente evidente em crianças e animais jovens”: “Visto que ela se regula de acordo com a idade, e além disso é diferente nos indivíduos desde o nascimento, deve-se crer ser ela consequência do organismo e, portanto, um objeto fisiológico, mais que psicológico” (Herbart, 1816, p. 58). Na sequência do texto, Herbart emprega o termo *Trieb*, e não mais o *Instinct* – o que nos leva a crer num uso sinonímico quando do sintagma *Triebe und Instincte*.

Despojada dos documentos e tecnologias de que dispomos hoje, Maria Dorer (1932/2012) já traçara em 1932, em seu livro *Historische Grundlagen der Psychoanalyse* (“Fundamentos históricos da psicanálise”), certamente pioneiro na historiografia da psicanálise, a afiliação longínqua de Freud a certos conceitos de Herbart. Segundo ela, essa afiliação se teria feito por intermédio de Griesinger e, mais diretamente, de Theodor Meynert, professor de Freud e cuja teoria localizacionista seria por ele criticada em seu estudo de 1891 sobre as afasias. Não é coincidência que livros de ambos os autores sejam encontrados na biblioteca pessoal de Freud; tampouco pode ser coincidência que o *Trieb* tenha sido discutido por ambos.

Em seu livro de 1854, *Pathologie und Therapie der psychischen Krankheiten* (“Patologia e terapia das doenças psíquicas”), Griesinger afirma, citando em nota de rodapé v. Krafft-Ebing: “A vida enferma pode enfraquecer, intensificar ou levar os *Triebe* naturais a se expressar de modo perverso” (Griesinger, 1892, p. 154). Trata-se, como o leitor há de ter notado, de uma quase-citação de v. Krafft-Ebing. E os *natürliche Triebe* são precisamente os mesmos: o *Nahrungs-* e o *Geschlechtstrieb*.

No tocante aos *Triebe*, a posição de Meynert nos interessa ainda mais:

*Triebe* não são, de modo algum, uma ocorrência do funcionamento do nosso cérebro, mas sim uma mera palavra. Há uma sensação de fome, mas não há um *Trieb* de nutrição. Na fome da criança, não existe nenhuma ideia do seu remédio. Ela leva à morte, ou a criança é amamentada. Então entra em ação o reflexo de sucção [*Saugreflex*], e cresce na criança a sensação da fome saciada, que se associa ao ato de sugar, o qual agora se torna agora o movimento cortical associado à sensação de fome, ao cheiro do mamilo e ao sabor do leite. Se aí existe, entre o reflexo [*Reflex*] e o movimento cortical, um terceiro elemento, um *Trieb*, algo como uma ideia [*Vorstellung*] inata? Há sensações sexuais táteis e oriundas do preenchimento do corpo cavernoso, mas não há um *Trieb* incluído nelas. (Meynert, 1890, p. 184)

Meynert (1890), como muitos de sua época, encampava a noção de *associação*, que virá a ser central na teoria de Freud. Mas, diferente deste e dos outros autores que citamos até aqui, ele *negava* (veementemente) a existência de *Triebe*, que seriam intermediários entre o “movimento cortical” e o “reflexo” (que novamente marca presença como estação derradeira do processo, não deixemos de notá-lo). Para Meynert, pressupor a ação de um *Trieb* implicaria admitir a existência de algo como “ideias inatas” do objeto que sanaria a fome, por exemplo. Isso, para ele, é inadmissível. Note-se que aqui o *Trieb* é um elemento intermediário entre os movimentos cerebrais corticais (centrais) e os movimentos periféricos (reflexos). Essa parece ser a concepção também de Freud, que, à diferença de Meynert, adotava os *Triebe* como um *conceito basilar* (*Grundbegriff*), indispensável para sua psicologia<sup>13</sup>.

Poderíamos mencionar ainda muitos outros autores nesse nosso esboço de análise contextual, mas os que já citamos bastam para que tiremos algumas conclusões fundamentais. Notemos primeiramente que, aqui, vale o que Simanke (2023) afirmou no primeiro livro de seu amplo estudo a respeito do *Projeto* de 1895. Nesse texto, o autor diz optar sempre por “instinto” para traduzir o termo *Trieb*, argumentando: “Sem querer entrar na interminável polêmica quanto a isso, observe-se apenas que, no contexto inteiramente neurobiológico em que se situa o *Projeto*, não se justificaria o recurso a um neologismo, que ficaria inteiramente deslocado no contexto” (Simanke, 2023, p. 107). Não é difícil notar, após esse nosso sobrevoo *ad hoc*, que o *conceito* freudiano de *Trieb* pertence a um panorama científico *que não é originalmente psicanalítico*. O *Geschlechtstrieb* de 1905 é um termo corrente, amplamente usado, da sexologia, da psiquiatria e da biologia da época de Freud; ademais, o *Trieb* em geral também fazia parte do léxico comum de médicos, fisiólogos e neurologistas. É a esses cientistas que Freud acena logo na abertura dos seus *Três ensaios*. Seria, pois, altamente anacrônico traduzir o *Geschlechtstrieb* de v. Krafft-Ebing ou de Moll por “pulsão sexual”<sup>14</sup>; isso seria adulterar o texto de autores *cujos raciocínios não são psicanalíticos* e, a despeito disso,

<sup>13</sup> “Um tal conceito basilar convencional, por ora ainda bastante obscuro, mas do qual não podemos prescindir na psicologia, é o de *Trieb*” (Freud, 1915a/1999, p. 211).

<sup>14</sup> Aliás, lembremos que o *Trieb* aparece também nos *Estudos sobre a histeria* num contexto teórico – mas sob a pena de Breuer. Além de afirmar que “o *Sexualtrieb* é a fonte mais poderosa de aumentos duradouros da excitação” e que “esse aumento da excitação é distribuído de forma altamente desigual pelo sistema nervoso” (Breuer e Freud, 1895, p. 175), Breuer, ao elaborar a noção de “excitação tônica intracerebral”, diz que os “elementos cerebrais” não são como os dos músculos comuns. Quando os músculos não são postos em ação, não se gera nenhum incômodo no organismo; no entanto, “se o cérebro desperto permanece por tempo maior em repouso, sem converter a força tensional em energia viva por meio de alguma função, surge a necessidade [*Bedürfnis*] e o ímpeto [*Drang*] para atividade” (Breuer e Freud, 1895, p. 171). Essa “excitação intracerebral”, porém, é fundamental para que o organismo exerça suas funções vitais, o que significa que ela não pode ser toda descarregada. Haveria, pois, uma “tendência para a manutenção constante da excitação intracerebral”, que Breuer atribui a ninguém menos que Freud. A continuação do texto: “Um excesso dela onera e atormenta [*belastet und belästigt*], e surge o *Trieb* para consumi-lo” (Breuer e Freud, 1895, p. 172). Qual seria, pois, o sentido de traduzir esse *Trieb*, concebido *inteiramente* num contexto teórico *neurofisiológico*, por “pulsão”?

usam *um termo comum à teoria freudiana*. Hoje, é preciso *reafirmar o pertencimento da teoria de Freud a esse campo maior, que não é psicanalítico*, já que esse pertencimento foi negado ou ao menos obnubilado dentro do campo psicanalítico.

Ao se deduzir essa conclusão, cabe então a seguinte pergunta: se o *Trieb* de v. Krafft-Ebing, Griesinger, Meynert, Moll, Iwan Bloch, Herbart, Meisenheimer – dentre tantos outros nomes constantes da biblioteca pessoal de Freud – *não* pode ser traduzido por “pulsão”, que sentido existe em traduzir o *Trieb* freudiano dessa forma, visto ser ele *abertamente* baseado em alguns desses autores, ou no mínimo pertencente ao mesmo panorama científico que o deles? Ao se traduzir o *Trieb* freudiano por “pulsão”, fabrica-se a impressão de que o *conceito* freudiano é completamente inovador ou mesmo “revolucionário”; fica parecendo que o conceito freudiano não tem relação alguma com conceitos vizinhos, de ciências limítrofes à psicanálise, como a fisiologia, a biologia e a neurologia. É como se Freud tivesse “criado” (*ex nihilo*) o conceito de “pulsão”. Uma análise mínima, tal como a nossa, já demonstra que isso é uma falácia. E, como toda falácia dentro da historiografia de Freud, frequentemente permeada de matizes hagiográficos, ela tem de ser combatida.

### 3. O artigo de Hanns v. Hattinberg

Mas o argumento mais forte dos defensores da “pulsão” contra a tradução de *Trieb* por “instinto” – e que o próprio James Strachey cita em sua introdução à *Standard Edition* – é o fato de Freud utilizar algumas (poucas) vezes o latinismo *Instinkt*, referindo-se, ao que parece, ao seu sentido mais restrito de “ação padronizada hereditariamente transmitida, que não precisa ser aprendida”. Como se pode depreender dos exemplos acima, o termo *Instinkt* também era usado num sentido mais lato, por vezes como sinônimo de *Trieb*. Malgrado isso, um uso mais restrito do termo é atestado em autores importantes, referências maiores de Freud, como Darwin e Lamarck. Freud possuía traduções para o alemão das obras dos dois grandes naturalistas, e em todas elas o termo *instinct* é traduzido por *Instinct* (cf., p. ex. Darwin, 1872 e Lamarck, 1876). Quando George Romanes, em seu livro *Mental Evolution in Man* (“Evolução mental no homem”), trata dos *instincts*, ele lista como exemplos “tecer teias, construir ninhos ou incubar ovos” (Romanes, 1888, p. 8). É a esse tipo de comportamento que se refere o termo *instinct* na obra de Darwin, que o usa abundantemente em seus principais livros. Assim, enquanto no *Instinkt* haveria uma sequência predeterminada de comportamentos *invariáveis*, cujos objetos seriam sempre *invariáveis*, no *Trieb* haveria uma enorme *variabilidade* tanto no comportamento a ser executado quanto nos objetos envolvidos nessa execução.

Esta é uma discussão dos estudos sobre *comportamento animal*, e nos será interessante explorar rapidamente essa bibliografia, cotejando-a com as palavras freudianas a respeito do famígero *Instinkt*. Mas, antes de fazermos isso, pode ser importante recorrer a um artigo de 1920 que, ao que me parece, ainda não foi comentado pelos estudiosos de Freud. Trata-se de um texto contido no décimo sétimo volume da revista *Zeitschrift für angewandte Psychologie* (“Revista de psicologia aplicada”). O volume tem 396 páginas ao total, mas Freud possuía, em sua biblioteca, apenas um extrato dele: as exatas trinta e duas páginas de um artigo de Hanns v. Hattinberg intitulado *Trieb und Instinkt – Ein definitorischer Versuch* (“*Trieb* e *Instinkt* – uma tentativa definitiva [ou: de definição]”). Trata-se de um texto marginal, é fato, mas que não pode ser esquecido. Ele é central para a nossa análise por dois motivos: a) não é freudiano, mas cita Freud dentre vários outros autores, ou seja, Freud consta aqui como um cientista cujos pontos de vista pertencem a um horizonte científico maior; e b) revelando, desde o seu título, que o problema “*Trieb* vs. *Instinkt*” já existia nas ciências alemãs ao menos desde o início do século passado, ele nos fornece um extenso e detalhado panorama desse problema, além da tentativa de uma solução.

Leiamos a abertura do artigo:

A presente tentativa parte da visão de que a indescritível confusão e falta de clareza dos conceitos da doutrina dos *Triebe* e *Instinkten* se baseia, em última análise, no fato de que a psicologia humana e a psicologia animal seguem hoje caminhos separados, em vez de se promoverem reciprocamente num trabalho em conjunto. (Hattinberg, 1920, p. 226)

O teor de todo o artigo será precisamente este: colocar em comparação as psicologias humana e animal, procurando reunificá-las. Seu interesse é promover uma “psicologia biológica” unificada: “O objeto de investigação para uma tal *psicologia biológica* é todo o animal atuante [*handelnd*], todo o ser humano atuante [*handelnd*]” (Hattinberg, 1920, p. 246). Com esse fito, Hattinberg parte da descrição das tais “confusões” enunciadas, começando pelos *Instinkte*.

Segundo alguns autores, diz Hattinberg (1920), *Instinkt* seria algo herdado, inato, e completamente invariável, o que configuraria um conceito um tanto quanto vago. Um “progresso” foi adquirido, continua ele, precisamente com a descoberta, na fisiologia, dos *reflexos*, cujo aparecimento nas primeiras páginas do artigo já não é uma surpresa para nós; com os reflexos, pensou-se ter descoberto todo o “essencial” sobre os movimentos instintivos:

As ações instintivas seriam caracterizadas, antes de tudo, por sua invariabilidade, pela absoluta fixidez da relação entre causas desencadeadoras e uma reação motora; os animais se tornaram

“máquinas de reflexos” (Bethe), autômatos altamente complicados, movidos apenas pelos estímulos influenciando sobre eles. (Hattinberg, 1920, p. 228)

Hattinberg invoca duas críticas a essa concepção: de um lado, o reflexo puro se mostrou inexistente na realidade. “O reflexo simples é uma abstração” (Hattinberg, 1920, p. 229), diz ele citando o nome de Jennings (cujo livro Freud também possuía) – o que se observa na realidade, mesmo em organismos muito primitivos, é algo muito mais complexo do que uma “cadeia de reflexos”, como alguns autores pressupunham. Além disso, essa concepção se mostrou “impotente face à característica mais marcante das ações instintivas, face à sua assim chamada adequação à meta [*Zweckmäßigkeit*]” (Hattinberg, 1920, p. 230). Aqui já reaparece o *Zweck*, a “meta” do instinto, que uma teoria do reflexo, ainda que verdadeira, não conseguiria explicar.

A exposição de Hattinberg passa agora ao tema do *Trieb*, o qual, segundo ele, é ainda mais confuso e obscuro que o do *Instinkt*. Se, de um lado, “*instinctus* e *Trieb* foram por longo tempo sinônimos, e ainda permanecem assim para muitos até hoje” (Hattinberg, 1920, p. 230), por outro lado houve uma tentativa de separá-los. Qual o critério para essa separação? Segundo Hattinberg, nada menos do que a *consciência*: “A cisão entre os dois conceitos surgiu quando o lado consciente dos eventos foi mais levado em consideração nos *Triebe*, e se ampliou à medida que a psicologia humana se tornou psicologia da consciência” (Hattinberg, 1920, p. 230). No *Trieb*, haveria consciência tanto da *meta* da ação, quanto do *prazer* a ser ganho nela; no *Instinkt*, em contraposição, o organismo não teria consciência de nenhum dos dois fatores.

Ora, prossegue o nosso autor, ficou comprovado com as pesquisas recentes que boa parte da ação de um *Trieb* é inconsciente (e é nestas páginas que surgirá o nome de Freud). “Reconhecendo-se isso, torna-se especialmente importante libertar o conceito de *Trieb* dos grilhões que lhe foram impostos pela sua limitação ao aspecto consciente. O inconsciente é o seu domínio natural” (Hattinberg, 1920, p. 232). Para Hattinberg, isso significa encontrar “o que é *comum* que une o agir *animal* e o agir *humano*, e isso leva primeiro à exigência de um conceito que possa cobrir as duas séries de fenômenos” (Hattinberg, 1920, p. 232). Esse conceito é muito precisamente a reunificação de *Trieb* e *Instinkt*: “*Trieb* e *Instinkt* são aqui novamente utilizados como sinônimos completos. Desse ponto de vista, o cambiante aspecto consciente aparece como um epifenômeno” (Hattinberg, 1920, p. 235).

É então que a discussão de Hattinberg se torna ainda mais interessante para nós, por nos preparar para nossa discussão futura do *Instinkt*. Isso porque, doravante, Hattinberg tratará mais minudentemente a questão da *variabilidade* ou *invariabilidade* dos atos instintivos. Diz ele que, tanto

em homens quanto em animais, há uma “alterabilidade individual” de certos comportamentos, ao passo que neles é também perceptível uma “uniformidade e tipicidade supraindividuais” (Hattinberg, 1920, p. 235). A proporção entre alterabilidade individual e tipicidade supraindividual não é a mesma entre as espécies; ela varia segundo o comportamento em questão e segundo o grau de evolução do sistema nervoso envolvido (na espécie e/ou no comportamento). Por exemplo, a invariabilidade é praticamente completa nos atos ditos “inferiores” (*niedere*): na respiração, no bombeamento sanguíneo, nos atos de morder e mastigar. No entanto, aquilo que há de verdadeiramente típico é a direção que o *Trieb* (ou *Instinkt*) fornece (ou mesmo exige) do comportamento do organismo: “Essa direção ou determinação típica, característica dos processos, deve ser abarcada pelo conceito de *Trieb* ou *Instinkt*, ela é, inclusive, sua característica mais essencial” (Hattinberg, 1920, p. 236). Nessa direção específica dos *Triebhandlungen* (ou *Instinkthandlungen*) é que jazeria o seu aspecto realmente inato ou hereditário, “o estabelecimento de processos de forma que certos pontos finais ou de repouso devem ser atingidos” (Hattinberg, 1920, p. 237).

Nesse passo de sua argumentação, Hattinberg diz ser preciso estudar as relações entre o *Trieb* (ou *Instinkt*) e os processos da aprendizagem. Diz ele que os *Triebe* são “diretrizes da associação”, eles podem ser compreendidos como “uma limitação, da reprodução associativa, a uma determinada direção” (Hattinberg, 1920, p. 243). Ou seja, as leis da associação, amplamente difundidas como ponto pacífico na psicologia científica da época, teriam como precondição limitante a direção que o *Trieb* fornece ao organismo, sempre que este sentir *necessidades vitais* a serem supridas. É aqui que Hattinberg (1920, pp. 241-242) cita Freud e a teoria dos complexos da escola de Zurique. A constituição de cadeias mnêmicas, pressuposto da aprendizagem, teria uma série de *diretrizes*, ditadas pelas necessidades orgânicas básicas a premir o organismo em determinadas circunstâncias da sua vida.

Após todo esse percurso argumentativo, Hattinberg nos fornece sua tentativa de definição:

*Triebhandlungen* ou realizações genéricas de *Triebe* são mudanças típicas no comportamento como um todo, dos seres humanos e dos animais, que ocorrem em situações típicas [...]. São conexões típicas e inatas de funções, mas mais ou menos modificáveis na vida individual, que surgem num estado inicial típico do organismo (necessidade) e levam a um estado final típico (satisfação). *Triebe* ou *Instinkte* são direções daqueles processos que no homem podem acontecer de modo consciente, mas igualmente de modo completamente inconsciente. (Hattinberg, 1920, pp. 247-248)

Sendo um conjunto de *direções* inatas, que têm pontos de partida típicos (necessidades) e pontos de chegada igualmente típicos (satisfações), os *Triebe* têm duas extremidades puramente

fisiológicas, mas sua execução é passível de alterações de ordem psicológica (associação, aprendizagem etc.). “Do ponto de vista fisiológico [...] os *Triebe* são *associações de inervações*, eles são coordenações altamente sistemáticas de uniões inferiores de inervações (*minor systems*), iniciados pelos reflexos, uniões que são construídas por analogia com o esquema do reflexo” (Hattinberg, 1920, pp. 249-250). O recurso ao reflexo, porém, tem de ser atenuado:

No entanto, a caracterização dos *Triebe* ou *Instinkte*, mais precisamente de suas realizações, como uniões complexas de reflexos negligencia o fator mais importante: o tipo de conexão em que os elementos são reunidos, sua “direção”, sua modificabilidade no sentido da adaptação. (Hattinberg, 1920, p. 250)

Admitir a existência de *Triebe* e de “direções” inatas de certos comportamentos não implica ter de assumir a existência predeterminada de *objetos fixos* para eles. Entre *Trieb* e *Objekt*, argumenta Hattinberg, não há a princípio uma relação fechada e invariável, mas ela pode tornar-se assim caso uma ligação entre eles seja estabelecida no início da vida (Hattinberg, 1920, pp. 254-255). Nisso, ele está se contrapondo a uma visão como a de Meynert, para quem a existência do *Trieb* implicava algo como uma “ideia inata” do seu objeto. Não em vão, aqui vem citado, em nota de rodapé, o nome de Freud: “Também pertence a esse âmbito a concepção fundamental de Freud sobre a ‘escolha de objeto’ no desenvolvimento do *Sexualtrieb* humano” (Hattinberg, 1920, p. 255). Como se sabe, a teoria freudiana do *Geschlechtstrieb* confere dois atributos complementares a ele: sua fluidez (ou seja, o fato de não haver objetos previamente determinados para ele, de modo que a libido pode transferir-se entre eles indefinidamente), mas também sua capacidade de *fixação*. E nisso, diz Hattinberg, está uma lição da teoria freudiana: quanto mais cedo se derem as ligações (associativas) entre *Trieb* e *Objekt*, mais elas assumirão os contornos de uma ligação fixa (eis a *Fixierung* freudiana). Estabelecida essa fixação, é possível que o objeto exerça um *efeito direto* ou *imediate* sobre o organismo: “Esse efeito direto ocorre com a regularidade de um reflexo [...], inicialmente sem levar em conta se a ocorrência do estado final, no caso dado, vai contra os interesses de outros *Triebe* ou da adequação biológica a metas” (Hattinberg, 1920, p. 255).

Em Hattinberg, vemos reaparecer os principais personagens da nossa história: a dualidade variabilidade/invariabilidade, a relação com o objeto, a intervenção ou não da consciência – e, não surpreendentemente, o *reflexo*. Este, aliás, comparece como participante do *início* do comportamento mediado pelo *Trieb* e do seu *desfecho*. Mas não só isso: a fixação a um determinado objeto confere a regularidade de um *reflexo* a um *Triebhandlung*. É como se, com isso, a conduta bastante variável do organismo pudesse ser reconduzida a um grau zero de invariabilidade.

#### 4. *Trieb, Instinkt e Reflex*

Voltemo-nos agora aos textos de Freud e à suposta diferença conceitual existente neles entre *Trieb* e *Instinkt*. Como argumento maior contra a tradução de *Trieb* por “instinto”, tem-se o seguinte silogismo: “Freud diferencia *Trieb* de *Instinkt*, portanto é preciso usar outra palavra para traduzir o primeiro”<sup>15</sup>. No entanto, lendo-se com atenção os passos em que o *Instinkt* assoma sob a pena freudiana, fica claro que *Freud jamais diferenciou conceitual e categoricamente um termo do outro*. Jamais Freud diz: *Trieb* é isto, *Instinkt* é aquilo. O fato é que o *Instinkt* jamais chegou a conceito em Freud, e sua definição está cercada de uma conspícua vagueza. Em 1915, no artigo *O inconsciente*, Freud diz que, “se há no homem formações psíquicas herdadas, algo análogo ao *Instinkt* dos animais, então isso constitui o núcleo do *Ics*” (Freud, 1915b/1999, p. 294). No caso do Homem dos Lobos, Freud nos dá pistas do que seria esse núcleo: aí, ele fala de um “saber instintivo dos animais”, ao qual seriam análogas certas *Urphantasien* (“fantasias originárias”) dos homens; estas seriam esquemas filogeneticamente herdados, como as “categorias filosóficas”, esqueletos abstratos a serem preenchidos pelas vivências individuais, mas já lhes impondo certa forma e conteúdo prévios (Freud, 1918/1999, pp. 155-156). Os pássaros e as enguias migram, as abelhas constroem suas colmeias, os homens temem ser castrados, quer o queiram, quer não o queiram. Note-se que não há sombra de comparação (negativa) entre *Trieb* e *Instinkt* nessas passagens.

Em 1933, Freud retorna ao *Instinkt der Tiere*, e de modo bastante revelador. Nessa passagem fundamental, após tratar da *Wiederholungszwang* (“compulsão à repetição”) depreendida nos dados da embriologia (mais um aceno à teoria da recapitulação de Haeckel), os dois termos são postos em *relação argumentativa e nocional*:

As migrações dos peixes na época da desova, talvez os voos migratórios das aves, possivelmente tudo o que denominamos manifestações do *Instinkt* nos animais ocorre sob o imperativo da compulsão à repetição, que expressa a *natureza conservadora* dos *Triebe*. Mesmo no domínio anímico não é preciso procurar muito por manifestações dela. Chama-nos a atenção que as vivências esquecidas e reprimidas da tenra infância se reproduzem, durante o trabalho analítico, em sonhos e reações, especialmente nos da transferência, embora o seu

---

<sup>15</sup> Sobre isso, diz García-Roza (2009, p. 101), por exemplo: “É essa dissociação da pulsão sexual com respeito ao instinto que vai constituir a diferença do sexual entendido como instinto em face do sexual entendido como pulsão”; Laplanche (1985, p. 128), em quem García-Roza se baseia, chega mesmo a afirmar: “na *sexualidade humana*, o instinto, força vital, se desqualifica e se perde na pulsão”. Ora, Freud jamais afirmou que os animais possuem um instinto sexual, enquanto os humanos possuem “pulsões” sexuais. Muito pelo contrário: Freud sempre atribuiu os *Sexualtriebe* a todos os animais sexuais, e os *Triebe*, de um modo geral, a todas as formas de vida, inclusas aí as mais simples delas: mesmo as amebas e as bactérias possuíam um *Todestrieb*, sobre o qual tantos argumentos antropocêntricos foram tecidos. Como diz Paulo César de Souza (1999, p. 252), essa concepção antinaturalista da “pulsão” sexual humana “implica uma ruptura ou cesura entre o que é humano e o que é animal, desprezando o que haveria deste naquele. Um movimento contrário ao ponto de vista essencial da psicanálise de Freud”.

redespertar contrarie o interesse do princípio do prazer, e chegamos à explicação de que, nesses casos, uma compulsão à repetição se impõe até mesmo ao princípio do prazer. (Freud, 1933/1999, pp. 113-114)

Ou seja, *com o Trieb, tudo é posto em correlação*: embriologia, evolucionismo, psicologia, “instinto”. Esse *Instinkt* dos animais é apenas uma manifestação de algo mais primário, que é a *natureza conservadora dos Triebe*. Ou seja, *Instinkt* e *Trieb* não estão contrapostos, em Freud, como a água e o vinho. Na verdade, “aquilo que chamamos de *Instinkt*” é apenas mais uma das manifestações da essência do *Trieb*. Aqui, a noção (apenas esboçada) de *Instinkt* está subsumida ao conceito (bem desenvolvido) de *Trieb*. Eles não estão contrapostos, mas são complementares. Para entender o possível “conceito” freudiano de *Instinkt*, não se deve separá-lo do de *Trieb*, mas sim estudar suas relações pregnantas. Esse estudo ainda está por ser feito.

O que segue é um esboço de um possível trajeto de pesquisa, que toma o conceito de *reflexo* como um importante conceito mediador entre o *Trieb* e o *Instinkt*. O recurso ao reflexo se faz por dois motivos: a) o próprio Freud nos autoriza a isso, ao utilizar o reflexo (além do trecho de 1895 que já citamos) em alguns pontos centrais da sua teoria; e b) os autores lidos por Freud colocam o *instinct* e o *reflex* em correlação de um modo bem específico, como veremos.

No último capítulo da *Traumdeutung*, ao elaborar seu primeiro esquema imagético e sistêmico do aparelho psíquico, Freud enuncia uma “exigência de há muito familiar para nós”: “O aparelho psíquico tem de ser construído como um aparelho reflexo [*Reflexapparat*]. O processo reflexo continua sendo o modelo para toda atividade psíquica” (Freud, 1900/1999, p. 543). A ideia é que o aparelho psíquico tem duas extremidades corpóreas: a de entrada (perceptiva) e a de saída (muscular). No reflexo, o estímulo percebido é instantaneamente eliminado pela via motora. O que é “psíquico” tem como modelo, em última instância, esse processo sensorio-muscular básico, que é por definição isento de psiquismo. Mas esse processo não é exequível para todos os estímulos advenientes ao tecido vivo estimulável, e com isso um “aparelho psíquico” para lidar com eles se faz necessário.

Especialmente quando os estímulos *endógenos* são levados em consideração. Afinal, contra eles não é possível fuga alguma, como assere Freud em várias passagens de sua obra. Assim, não é em vão que, em 1915, ao “preencher de conteúdo a partir de ângulos diversos” o conceito de *Trieb*, Freud se reporte primeiramente à fisiologia: “Esta nos deu o conceito de *estímulo* e o esquema-reflexo [*Reflexschema*], segundo o qual um estímulo trazido de fora para o tecido vivo (a substância nervosa) é levado de volta para fora por meio de uma ação” (Freud, 1915a/1999, p. 211). O sistema nervoso, diz Freud em seguida, é um aparelho destinado a eliminar ou baixar a um nível mínimo a estimulação

que lhe chega. Ora, o *Trieb*, definido como o *Reiz* para o psiquismo, não ocorre de um só golpe e, não vindo de fora, não pode ser evitado mediante fuga: “Vemos então como a introdução dos *Triebe* complica o simples esquema fisiológico do reflexo” (Freud 1915a/1999, p. 213). Eles exigem um *trabalho vital* a mais, que é caracterizado pelo adjetivo “psíquico”, eles exigem memória, aprendizagem, relações com objetos exteriores, e sofisticadas adaptações ao meio ambiente.

Sendo o *Reflex* “o modelo de toda atividade psíquica”, seu esquema formal também será visado nas reações mais radicais do aparelho psíquico aos estímulos que o incomodam. Em 1901, Freud diz que um dos mecanismos básicos da formação de sintomas histéricos é um “*esforço elementar por defesa* contra ideias que podem despertar sentimentos desprazíveis, um esforço que só pode ser comparado ao reflexo de fuga [*Fluchtreflex*] em caso de estímulos dolorosos” (Freud, 1901/1999, p. 163). Quando essa “fuga psíquica” é executada, o estímulo penoso não é realmente descarregado em reações musculares ou afetivas adequadas. Nos *Estudos sobre a histeria*, é essa reação o que faltara ao organismo histérico no momento do trauma, donde o “afeto estrangulado” associado desde então às representações mnêmicas inconscientes (reprimidas) dele, a surtir efeito futuramente na fabricação do sintoma. E não pode ser em vão que a descarga de afeto interdita no caso da repressão seja feita por nada menos que *reflexos*: “Por reação, entendemos aqui toda a série de reflexos voluntários e involuntários, nos quais os afetos são empiricamente descarregados: desde o choro até o ato de vingança” (Breuer e Freud, 1895, p. 87). Aqui, uma vez mais o elemento *final* da reação completa do organismo a um estímulo é uma série de *reflexos*. Esse mesmo raciocínio é encontrado num outro texto de Freud de 1895, o *Projeto de uma psicologia*. Ao descrever as consequências de uma vivência de satisfação (ou seja, uma vivência em que um *Trieb* é satisfeito) alcançada mediante uma “ação específica”, Freud diz que, além do fato de o *Drang* ter cessado e de surgir, em um ou vários neurônios, uma ocupação (*Besetzung*) energética correspondente à percepção do objeto, “chegam, a outras partes do manto, as informações de descarga a partir do movimento reflexo desencadeado que se liga à ação específica” (Freud, [1895b]/1950, p. 403).

Assim, não somente o *Reflex* é um modelo para o psiquismo, ele é também o *fim não-psíquico* de toda atividade psíquica. É como se o *Reflex* fosse o grau zero do psiquismo: não sendo psiquismo, fornece-lhe um modelo evolutivo e fisiológico. Ele é a *estação final* de toda a sequência de ações que o organismo tem de realizar a fim de satisfazer a uma necessidade vital. Para Freud – e, ao que parece, para boa parte dos fisiologistas de sua época –, o reflexo era a unidade básica de comportamento e/ou reação de um organismo sensitivo a um estímulo exógeno. Para o Freud do *Projeto*, o princípio mecânico básico que regula o funcionamento do sistema nervoso é uma espécie de tradução do

“princípio de inércia” nos fenômenos da vida, segundo o qual a quantidade de energia que entra no sistema tem de ser a mesma quantidade que sai dele: “O princípio da inércia fornece o motivo para o movimento reflexo” (Freud, [1895b]/1950, p. 380), lê-se logo no princípio do *Projeto*. Ora, o caso do *Trieb* contraria parcialmente essa expressão orgânica do “princípio de inércia” da matéria inorgânica, pois o *Trieb* é o estímulo que o próprio organismo fabrica e com o qual ele tem de lidar continuamente. Para Freud, o *Trieb* é o que é propriamente “biológico” da vida, isto é, ele não se reduz a princípios puramente mecânicos; ele é a expressão do que há de irredutivelmente “vivo” na vida<sup>16</sup>.

Mas o *Trieb*, leremos em 1920, é de certa forma a expressão, na matéria orgânica, da *inércia* (Freud, 1920/1999, p. 38), o que se compreende apenas ao se levar em conta a reformulação sofrida pelo conceito nesse ano: aqui, o *Trieb* permanece um princípio biológico de movimento, mas a ele é atribuída uma “natureza conservadora”, cuja meta é também retornar ao estado de não-estimulação (a morte, em última instância, donde os *Todestriebe*). Aqui, poder-se-ia arriscar uma definição articulatória entre os três termos perquiridos: é como se o *Instinkt* fosse o *Trieb* levado às suas últimas consequências – repetindo-se geração após geração numa uniformidade e regularidade quase perfeitas, o *Instinkt* seria o *Trieb* que se satisfaz ao modo do *Reflex*, ou melhor, o *Instinkt* seria o *Trieb* a operar tão-somente sob o mesmo princípio mecânico (o princípio da inércia) “que fornece o motivo para o movimento reflexo”.

Seja como for, toda essa discussão sobre o instinto e o reflexo tem de ser remetida a uma das teses mais repetidas à época de Freud, defendida mas criticada por v. Hattinberg, como vimos: a de que ações instintuais são “cadeias” ou “associações complexas” de reflexos. Havelock Ellis, cujos livros formavam uma verdadeira coleção na biblioteca de Freud, advogava essa concepção. Num texto publicado pela primeira vez em 1900, lemos as seguintes palavras: “Pode-se dizer que o termo ‘instinto sexual’ cobre a totalidade de fenômenos neuropsíquicos da reprodução que o homem compartilha com os animais inferiores”, e, logo adiante: “A definição, de Herbert Spencer, do instinto como uma ‘ação reflexa composta’ é suficientemente clara e definida para o uso ordinário” (Ellis, 1918, p. 1). Na página seguinte, Havelock Ellis cita um estudo sobre vespas solitárias, cujos autores afirmam que entre o reflexo e o instinto há somente uma diferença de complexidade, sendo este

---

<sup>16</sup> Diz Simanke (2023) que, embora – segundo Canguilhem – o conceito de reflexo tenha surgido no século XVII numa perspectiva essencialmente *vitalista*, “que considerava a excitabilidade uma propriedade irredutível da substância viva, cuja capacidade então de reagir a estímulos se manifestava sob a forma da ação reflexa”, “ao longo do século XIX o arco-reflexo foi o principal operador conceitual de uma concepção mecanicista do organismo em geral e do sistema nervoso em particular” (Simanke, 2023, p. 91). Ora, Freud não é nem inteiramente mecanicista, nem inteiramente vitalista: do mecanicismo, herda a noção de *reflexo* como forma básica, totalmente mecânica, de reação do organismo a estímulos, mas introduz no “esquema simples do reflexo” a ação dos *Triebe*, que impossibilitam que a conduta do organismo seja completamente mecânica.

complexo e aquele simples (Ellis, 1918, p. 2)<sup>17</sup>. Mas, por mais que Freud conhecesse essa tese, ele jamais aderiu a ela, ao menos não publicamente. Sua posição nesse debate parece ser um pouco diferente. Como em seus textos psicanalíticos Freud quase nunca fala do reflexo e, ao mencioná-lo, jamais o faz com minudência, não podemos saber o que ele pensava exatamente a esse respeito. Mas temos um possível indício num livro de 1931 de Edoardo Weiss, psicanalista italiano. No livro intitulado *Elementi di psicoanalisi* e prefaciado (de modo bem elogioso) pelo próprio Freud, o autor emprega sempre a palavra *istinto* para se referir ao conceito freudiano de *Trieb*. Logo na abertura de seu capítulo *La teoria degli istinti*, Weiss (1931, p. 114) diz: “Segundo os fisiólogos, os instintos ocupam um posto intermédio entre as reações reflexas e os atos volitivos”. Pelo que pudemos ver até aqui, esta é uma posição perfeitamente freudiana.

Aqui convém apor alguns parágrafos a respeito de autores que Freud talvez jamais tenha lido, mas que foram contemporâneos a ele em sua velhice, por terem eles tratado do mesmíssimo tema; em verdade, é a mesma *problemática* que assoma em seus textos, embora as questões sejam abordadas com métodos distintos. Lemos nos *Elementos de etologia* de Konrad Lorenz<sup>18</sup> (1978, p. 87) que no início do século XX o conceito de reflexo era dominante, a ponto de vários cientistas o considerarem a unidade básica de todo e qualquer comportamento instintivo; alguns autores afirmavam inclusive que toda locomoção animal era feita por um encadeamento de reflexos, como nos informa Nikolaas Tinbergen (1969, p. 67). Ora, a etologia enquanto ciência do comportamento animal nasce nesse contexto, e um de seus desafios, segundo Lorenz, foi comprovar que movimentos animais, mesmo os mais “padronizados”, não eram meramente cadeias coordenadas de movimentos reflexos. “Obviamente isso não significa que reflexos não estejam envolvidos; significa, contudo, que eles não têm a enorme importância atribuída outrora a eles” (Tinbergen, 1969, p. 71). A proposta de Lorenz e Tinbergen é a de que, mesmo nos comportamentos ditos invariáveis ou instintivos, há uma atuação sofisticada de fatores conjuntos: a “motivação” interna, gerada pelos estímulos neurofisiológicos, a presença ou ausência de estímulos externos (os “liberadores” do instinto), e assim por diante. Que há

---

<sup>17</sup> Logo a seguir, Havelock Ellis (1918, pp. 2-3) proporrá uma “análise do impulso sexual”, sendo este impulso originado de estimulações corpóreas internas e eliminado por descargas motoras. Trata-se de um procedimento teórico similar ao de Freud em 1915, quando se trata de delinear os “quatro fatores” do *Trieb*. Diga-se de passagem que o *impulse* inglês poderia ser vertido, em alemão, por muitas palavras usadas por Freud: *Drang*, *Impulse*, *Regung*, ou até mesmo... *Trieb*.

<sup>18</sup> Paulo César de Souza já apontara para esse possível trajeto de pesquisa: “Estudiosos do comportamento animal, etologistas como Konrad Lorenz, questionavam a estreita noção comum de instinto já na década de vinte. Isto é algo a ser checado; de toda forma, não é a linha de argumento que seguimos”, frase que é suplementada numa extensa nota de rodapé iniciada com as seguintes palavras: “Não a seguimos porque, de tão interessante, poderia nos levar muito longe” (Souza, 1999, p. 247). O germanista brasileiro tem razão, e o que segue nas próximas páginas é apenas mais um esboço de análise, que poderá ser aprimorado, corrigido ou ampliado por meio de uma pesquisa mais detalhada.

reflexos envolvidos no comportamento instintivo, eis um fato, mas há muito mais “espontaneidade” neles do que se acreditava antes.

Os primórdios da etologia, diz Lorenz (1978, p. 119), residem na descoberta e descrição de Heinroth, dentre outros autores, dos chamados “padrões fixos de ação”, denominados então pelo ornitólogo amador de *arteigene Triebhandlungen*, ou seja, “ações por impulso próprias à espécie”<sup>19</sup>: *Instinktbewegung* e *Triebhandlung* são aqui basicamente sinônimos. O esquema explicativo de Lorenz, mesmo para os atos ditos instintivos e “imutáveis”, conta com o uso do conceito de *drive*, de “impulsos nervosos endógenos” (um claro correspondente neurofisiológico do *Trieb* freudiano). Como diz Tinbergen, “o efeito desses fatores internos determina a ‘motivação’ de um animal, a ativação dos seus instintos” (1969, p. 57). Dentre tais fatores internos, contam-se os *drives* do animal, como por exemplo “*the food drive and the sex drive*” (Tinbergen, 1969, p. 59).

Além de empregarem os termos *drive* e *Trieb*, ambos os autores desenvolvem um esquema teórico *quantitativo e energético*: quanto mais um *drive* se acumula sem encontrar descarga adequada, mais imperativos se tornam os impulsos nervosos e mais “ansioso” para ação se torna o animal em questão. Como exemplo para a importância dessa acumulação de estimulação endógena, temos o caso das “atividades no vácuo”: “Um *drive* pode até mesmo se tornar tão forte que suas respostas motoras se desencadeiam na ausência de um estímulo liberador [externo]” (Tinbergen, 1969, p. 61). Tais comportamentos ocorrem por existir “um nível particularmente elevado de produção endógena de excitação específica para uma atividade, que se manifesta por uma redução particularmente rápida do limiar quando não está em uso” (Lorenz, 1978, p. 99). Assim, um estorninho, que só emite comportamentos de cortejo (instintivos, altamente padronizados e que não têm necessidade de aprendizagem) quando avista um exemplar fêmeo de sua espécie, ao ser engaiolado e ficar muito tempo privado de fêmeas passa a emití-los diante de uma mão humana posta à sua frente; passado ainda mais tempo, o pássaro passa a cortejar o canto da gaiola, e eis a “atividade no vácuo”.

Mas nada disso alteraria o fato cabal: no *Instinkt* haveria um esquema padronizado, fechado, em que uma ação sempre fixa seria executada sempre com os mesmos objetos (ou a mesma classe deles); no *Trieb*, por outro lado, haveria uma grande maleabilidade a abertura, e aí estaria a “inovação” freudiana. Ora, esse argumento desconsidera um fato importante: nem mesmo para a biologia isso é verdadeiro. Já em 1906, Jennings (citado por Hattinberg, Lorenz e Tinbergen, e cujo livro Freud possuía) afirmava: “Trabalhos recentes mostram que, nesses instintos, não existe de modo algum

---

<sup>19</sup> Lembremos que v. Hattinberg, em seu artigo de 1920, emprega o mesmo termo, *Triebhandlung*, para tratar das ações executadas pelo organismo para satisfazer a uma necessidade interna.

aquela fixidez absoluta de comportamentos que anteriormente se supunha existir” (Jennings, 1906, p. 237). Na concepção de Tinbergen, o que é *fixo* nos atos instintivos são somente os chamados “atos executórios”, aqueles atos *derradeiros, definitivos*, na série de ações do animal. As ações *anteriores*, que *levam* o animal à situação adequada para executar os “atos executórios”, estas são chamadas de “atos apetitivos”, que, segundo Tinbergen, são extremamente variáveis, passíveis de aprendizagem e esquecimento: “o ato consumatório é rígido, os padrões superiores são intencionais e adaptativos. A disputa sobre se o ‘comportamento instintivo’ é rígido ou adaptativo baseou-se na suposição implícita e totalmente errada de que existe apenas um tipo de atividade instintiva (Tinbergen, 1969, p. 110).

Assim, *as ações apetitivas também participam do instinto*, e têm como precondição motivacional neurofisiológica o que Tinbergen chama de *drive*, o *drift* holandês, o *Trieb* alemão. E, afinal de contas, muitos dos atos finais da sequência de comportamentos instintivos *são reflexos*. Como mostra Tinbergen (1969, p. 75), chegou-se à concepção de um *coat of reflexes* (uma “cobertura de reflexos”), que auxiliam a *acionar* os atos instintivos e a *finalizá-los*. Nessa concepção, entre o *Trieb* e o *Instinkt* não haveria uma diferença ontológica absoluta<sup>20</sup>, como muitos comentadores de Freud fazem crer, mas uma espécie de gradação, na qual há uma interveniência essencial do *Reflex*. Como vimos pela citação de 1933, essa concepção é muito mais afim à letra freudiana do que uma separação completa entre o que é “humano” e “plástico” e o que é “animal” e “fixo”. É notório, ademais, como as argumentações e pesquisas tanto de Lorenz quanto de Tinbergen pertencem à problemática apresentada, em 1920, por v. Hattinberg: este dá uma resposta mais genérica (“o que é invariável é apenas a *direção* do comportamento”), é verdade, mas a *questão* que busca responder (a relação entre variabilidade e invariabilidade) é a mesma, e inclusive alguns dos termos em que ela é debatida são muito similares.

Por fim, esse excursão a Lorenz e Tinbergen mostra duas coisas: o *Trieb* enquanto “estimulação endógena neurofisiológica” não se tornou um conceito ultrapassado mesmo após a morte de Freud; ao contrário, ele seguiu sendo utilizado por autores *alheios ao campo psicanalítico*, cujo objeto de estudo é a psicologia animal. Além disso, ele mostra que as relações entre *Trieb*, *Reflex* e *Instinkt* (apenas entrevistas na teorização freudiana) são prenes de importância científica (possivelmente até hoje), o que requer mais estudos detalhados a seu respeito.

---

<sup>20</sup> Lorenz, aliás, os usa num passo de sua argumentação como perfeitos sinônimos: *Als einen Instinkt oder einen Trieb bezeichnen wir ein im Ganzen spontan aktives System von Verhaltensweisen...* [Chamamos de *Instinkt* ou de *Trieb* um sistema de comportamento espontaneamente ativo como um todo...] (Lorenz, 1978, p. 175).

## 5. À guisa de conclusão

Este nosso pequeno estudo, que não passa de um conjunto de esboços, parece-nos suficiente para provar que, no que tange ao seu conceito de *Trieb*, a teoria psicanalítica freudiana pertence a um campo científico bem maior do que se poderia crer de antemão. O conjunto de *problemas* a serem enfrentados, bem como o conjunto de *conceitos* a serem utilizados nesse enfrentamento não são ineditismos completos de Freud; muito pelo contrário, após uma breve passagem por textos afins à sua teorização, nota-se a sua aberta pertença ao campo das ciências naturais de sua época. Tudo isso, afinal, tem de ser levado em conta quando se pensa na *tradução* do *Trieb* freudiano. Ao ser tomado pelo tradutor em sua penosa e ingrata tarefa, ele não pode ser abstraído de seu contexto científico, como se fosse uma criação ou invenção freudiana feita fora do tempo e do espaço.

E é justamente nessa relação entre a psicanálise e suas ciências limítrofes que jazeria uma possível “novidade” conceitual no *Trieb* freudiano, pois nos parece haver nele uma espécie de *ponto nodal conceitual e disciplinar*; nessa única palavra, condensa-se todo o projeto científico de Freud, que sintetiza numa só teoria conceitos e problemas oriundos de diversas ciências de sua época: o evolucionismo, a fisiologia, a neurologia, a psicopatologia, a psicologia associacionista, a sexologia, a reflexologia, e mesmo a hipnologia, talvez. E, visto que, nas áreas psíquica e cultural da vida dos homens, o *Trieb* passa por transformações irreduzíveis ao seu fundamento fisiológico, ele também se tornará um conceito-pivô da aplicação da psicanálise às ditas *Geisteswissenschaften*<sup>21</sup>. Isso não significa que ele seja “humano”; ao contrário, significa que, naquilo que há de mais humano, Freud não deixa jamais de ver seus fundamentos evolutivos e corpóreos. Do ponto de vista de uma leitura rigorosa da obra de Freud, significa que, na infinita questão das relações entre “natureza e cultura”, Freud está longe de ser um daqueles autores (se é que eles existem) a lhe dar uma resposta simples e categórica. Em vez de estatuir como apartada a psicanálise da neurofisiologia e das ciências do comportamento animal, o *Trieb* freudiano quase exige por mais e mais pesquisas a respeito de sua relação e articulação.

---

<sup>21</sup> Aplicação esta esboçada por Freud já em alguns trechos da *Interpretação dos sonhos*, de 1900, e em artigos da década posterior, mas que se tornará um dos principais eixos da pesquisa psicanalítica a partir de 1912, quando da fundação (encabeçada por Hanns Sachs e Otto Rank) da revista *Imago*, cujo subtítulo é justamente *Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Geisteswissenschaften* (“Revista para a aplicação da psicanálise às ciências do espírito [ciências humanas]”). Nos primeiros volumes dessa revista, serão publicados os ensaios de *Totem e tabu* (1912-1913). Também nela serão publicados artigos e ensaios de Freud – e outros autores – sobre as relações entre psicanálise e literatura, mitologia, religião, folclore, e assim por diante. Cabe lembrar aqui também o papel importante desse tipo de pesquisa na última parcela da produção teórica de Freud, com a publicação de *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal-estar na civilização* (1930) e os três ensaios de *Moisés e o monoteísmo* (1934-1938), só para citar os exemplos mais importantes.

Afinal, muita tinta foi gasta para definir a antropocêntrica “pulsão freudiana”. Mas existe uma tarefa bem anterior e mais urgente a ser enfrentada: estudar o *Trieb* freudiano – para além de Freud.

## Referências

- Bloch, I. (1902). *Beiträge zur Aetiologie der Psychopathia Sexualis – Erster Teil*. Dresden: Verlag von H. R. Dohrn.
- Breuer, J. e Freud, S. (1895). *Studien über Hysterie*. Wien: Franz Deuticke.
- Canguilhem, G. (1950). *Le normal et le pathologique*. Paris: PUF, 2021.
- Cotti, P. (2006). “Gibt es Triebe.” Un débat de la science allemande avant 1905. *L'évolution psychiatrique*, 71, 87-96.
- Cotti, P. (2008). Freud and the Sexual Drive Before 1905: From Hesitation to Adoption. *History of the Human Sciences*, 21(3), 26-44.
- Darwin, C. (1872). *Der Ausdruck der Bemüthsbewegungen bei dem Menschen und den Thieren*. Stuttgart: E. Schweizerbart'sche Verlagshandlung.
- Dorer, M. (1932). *Les bases historiques de la psychanalyse*. Paris: L'Harmattan, 2012.
- Ellis, H. (1918). Analysis of the Sexual Impulse. *Studies in the Psychology of Sex*, 3, 1-65.
- Flechsig, P. (1896). *Gehirn und Seele*. Leipzig: Verlag von Veit & Comp.
- Freud, S. (1895a). Über die Berechtigung von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als “Angstneurose” abzutrennen. In: S. Freud, *Gesammelte Werke Band I* (pp. 313-342). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. ([1895b]). *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. London: Imago, 1950.
- Freud, S. (1900). Die Traumdeutung. In: S. Freud, *Gesammelte Werke Band II-III*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1901). Zur Psychopathologie des Alltagslebens. In: S. Freud, *Gesammelte Werke Band IV*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1905). Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In: S. Freud, *Gesammelte Werke Band V* (pp. 27-145). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1915a). Triebe und Tribschicksale. In: S. Freud, *Gesammelte Werke Band X* (pp. 210-233). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1915b). Das Unbewußte. In: S. Freud, *Gesammelte Werke Band X* (pp. 264-305). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

- Freud, S. (1918). Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. In: S. Freud, *Gesammelte Werke Band XII* (pp. 27-158). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1920). Jenseits des Lustprinzips. In: S. Freud, *Gesammelte Werke Band XIII* (pp. 1-70). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- Freud, S. (1933). XXXII Vorlesung: Angst und Triebleben. In: S. Freud, *Gesammelte Werke Band XV* (pp. 87-118). Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.
- García-Roza, L. F. (2009). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Griesinger, W. (1892). *Pathologie und Therapie der psychischen Krankheiten für Ärzte und Studierende*. Fünfte Auflage. Berlin: Verlag von August Hirschwald.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hattinberg, H. (1920). Trieb und Instinkt: Ein definitorischer Versuch. *Zeitschrift für angewandte Psychologie*, 17, 226-258.
- Herbart, J. F. (1816). *Lehrbuch zur Psychologie*. Königsberg und Leipzig: August Wilhelm Uuzer Verleger.
- Hirschfeld, M. (1900). Vom Wesen der Liebe. *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen*, 8, 1-284.
- Jennings, H. P. (1906). *Behavior of the Lower Organisms*. New York: The Columbia University Press.
- Jessen, P. (1855). *Versuch einer wissenschaftlichen Begründung der Psychologie*. Berlin: Verlag von Veit & C.
- Krafft-Ebing, R. (1888). *Psychopathia Sexualis*. Stuttgart: Verlag von Ferdinand Enke.
- Krafft-Ebing, R. (1890). *Lehrbuch der Psychiatrie*. Stuttgart: Verlag von Ferdinand Enke.
- Lamarck, J. (1876). *Zoologische Philosophie*. Jena: Hermann Dabis Verleger.
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lorenz, K. (1978). *Vergleichende Verhaltensforschung: Grundlagen der Ethologie*. Wien, New York: Springer
- Meisenheimer, J. (1921). *Geschlecht und Geschlechter im Tierreiche*. Jena: Verlag von Gustav Fischer.
- Meynert, T. (1890). *Klinische Vorlesungen über Psychiatrie*. Wien: Wilhelm Braumüller.
- Moll, A. (1909). *Das Sexualleben des Kindes*. Leipzig: Verlag von F. C. W. Vogel.
- Müller, R. (1907). *Sexualbiologie*. Berlin: Louis Marcus Verlagsbuchhandlung.
- Peyer, A. (1890). *Der unvollständige Beischlaf*. Stuttgart: Verlag von Ferdinand Enke.
- Romanes, G. J. (1888). *Mental evolution in man*. London: Kegan Paul, Trench & Co.

- Simanke, R. T. (2020). Considérations préliminaires à propos d’une méthode historico-philosophique pour la recherche conceptuelle en psychanalyse: une réflexion à partir de l’expérience brésilienne. *Critical Hermeneutics*, 4(2), 59-78.
- Simanke, R. T. (2023). *A fundação da psicanálise: Do neurônio à memória*. São Paulo: Editora Instituto Langage.
- Souza, P. C. (1999). *As palavras de Freud: O vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Editora Ática.
- Tavares, P. H. (2011). As “derivas” de um conceito em suas traduções: o caso do *Trieb* freudiano. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, 50(2), 379-392.
- Tinbergen, N. (1969). *The Study of Instinct*. Oxford: Clarendon Press
- Weiss, E. (1931). *Elementi di Psicoanalisi*. Milano: Editore Ulrico Hoepli.